

HARARI, Yuval Noah. 21 lições para o século 21. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

A SABEDORIA DE CLIO E O ADMIRÁVEL NOVO MUNDO DO SÉCULO 21 AS LIÇÕES DE YUVAL HARARI

Izac Santos Evangelista¹

Em “Aprender a viver” o filósofo francês Luc Ferry chama atenção para o “incrível sucesso” nos últimos anos das ciências históricas, especialmente, da História. Refletindo sobre a causa e significado desse sucesso, Ferry sugere um paralelo com a psicanálise, uma vez que, ambas conduziriam os sujeitos a um processo necessário e emancipador de autorreflexão e autoconhecimento.

Ora, se como promete a psicanálise o conhecimento do nosso passado e a prática da autorreflexão pode nos ajudar a individualmente compreender melhor a nossa condição presente e “melhor orientar o futuro” (FERRY, 2012, p. 152), a história poderia possibilitar algo semelhante no âmbito individual e coletivo. A sabedoria de Clío seria de vital importância para entendermos o presente e projetarmos o futuro. Essa também é a crença do historiador judeu Yuval Harari.

Doutor em história e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, Yuval Noah Harari, tornou-se mundialmente conhecido depois do sucesso que alcançou seu livro “Sapiens: uma breve história da humanidade” (2017). Com mais de 20 milhões de exemplares vendidos em diversos países, o autor não apenas conseguiu fazer de uma narrativa historiográfica um best-seller absoluto, mas se afirmou como um dos pensadores mais requisitados, conhecidos e referenciados em todo mundo. Tanto que se a ideia de abordar a história humana parece por demais pretensiosa - quase herética num campo onde o recorte temporal e a escolha de objetos cada vez menores tornou-se a grande marca -, mais ousada seria a ideia de escrever uma história do amanhã. O que o historiador fez no segundo livro, *Homo deus* (2016).

Menos ambicioso, mas nem por isso menos ousado foi o terceiro livro escrito por Harari, “21 lições sobre o século 21”. É como

¹ Mestre em História pela UEFS. Professor de História da Educação Básica.

o nome indica, uma tentativa de oferecer algumas lições, ensinamentos, que para o historiador são fundamentalmente necessários para enfrentarmos os desafios que se apresentam no atual contexto. “O que está acontecendo?” É o questionamento maior que orienta toda discussão de Harari: “a questão mais abrangente em todos é a mesma: o que está acontecendo no mundo hoje, e qual é o significado profundo dos eventos?” (HARARI, 2018, p.13)

Assim, distribuídas e agrupadas em cinco grandes capítulos, as vinte e uma reflexões que compõem a obra e tentam responder de alguma maneira essas indagações, apontam para os temas prioritários a merecer nossa atenção e estudo no presente contexto, na visão Harari: I. o desafio tecnológico, II. o desafio político, III. desespero e esperança, IV. verdade e V. resiliência. É evidente aqui o caráter psicanalítico apontado por Ferry e claramente almejado pelo historiador. Não se trata de um amplo e denso debate acadêmico, ou mesmo a tentativa de escrever uma sintética história do presente; mas, direcionando-se para o dito leitor comum, tendo em vista o próprio alcance e a fama conquistada por ele, preocupa-se em nos convidar a pensar de modo mais crítico e colocar em perspectiva histórica questões que têm ocupado as manchetes de jornais no mundo e despertado angústias, temores e muitas preocupações. Questões como o aumento do desemprego, o controle e vigilância por meio da internet, o nacionalismo, a crise migratória, as fake news, o fascismo, o terrorismo e a crise ecológica, são assim abordados numa análise calcada numa visão materialista que busca pensar a totalidade.

Cabe não confundir esses dois conceitos, ou melhor, o sentido que eles têm no pensamento e método desse historiador. É certo que ambos, quando referidos no âmbito das ciências sociais e humanas, costumam remeter ao marxismo. Todavia, Yuval Harari está muito longe de adotar a perspectiva ou mesmo se alinhar com a teoria de Marx. Mesmo porque, um marxista dificilmente concordaria com a ideia de que caminhamos para um mundo onde não apenas o poder da classe operária tende a se tornar irrelevante, mas ela própria enquanto realidade e sujeito histórico. “Que relevância”, indaga Harari sobre teses de Marx e Engels, “teriam esses ensinamentos se as massas perdessem o seu valor econômico e precisassem lutar contra a sua irrelevância, mais do que contra a exploração?” (HARARI, 2018, p.60) Logo, se o primeiro capítulo começa por tratar da crise do modelo liberal ironizando a tese triunfalista propalada por intelectuais liberais

no século passado ao observar que “o fim da história foi adiado”, segue nas linhas seguintes mostrando a revolução em curso operada pela internet “que mudou o mundo, provavelmente mais que qualquer outro fator”(HARARI, 2018, p.24) e que novas descobertas e tecnologias como a inteligência artificial precipitarão mudanças ainda mais impactantes e convulsivas na política, no trabalho e na organização socioeconômica nas próximas décadas.

Contudo, adverte que embora os modelos econômicos e políticos formulados até então talvez não sejam capazes de responder aos desafios e mudanças que já começam a alvorecer no século XXI, não devemos incorrer em discursos apocalípticos “e passar de uma postura de pânico para uma de perplexidade.” (HARARI, 2018, p.37) Algo que seria muito mais humilde da nossa parte e dessa forma “mais perspicaz.” O direcionamento e posição assumida pelo autor ao longo do livro ao identificar os problemas presentes e futuros, parece sempre indicar que o enfrentamento desses, reside mais no plano individual do que de algum projeto coletivo, político.

Logo, a despeito de apontar as falhas e crise do modelo liberal, não deixa de assumir aspectos fundamentais desse ideário na sua interpretação. Mesmo porque, não esconde sua afinidade e apreço pelo ideário liberal: “penso que é o modelo político mais bem-sucedido e versátil que os humanos desenvolveram até agora para lidar com os desafios do mundo moderno.” (HARARI, 2018, p.17).

Assim como nos livros anteriores, sobretudo, no *homo deus*, fica evidente nas análises desenvolvidas em “21 lições” a leitura de autores, como Daniel Kahneman, vinculados à economia comportamental. A compreensão de que “o Homo sapiens é um animal contador de histórias, que pensa em narrativas e não em números ou gráficos, e acredita que o próprio universo funciona como uma narrativa (...)” (HARARI, 2018, p.331) denota o caráter materialista da análise de Harari, que busca sempre atentar para os vieses e heurísticas que pesam sobre as escolhas, ações e comportamentos dos agentes históricos. Preocupação, ou mesmo prática pouco comum entre pesquisadores das ciências humanas. A totalidade, então, residiria em tentar apreender os sentidos não apenas socioculturais das ações sociais - para usarmos uma expressão weberiana - mas também psíquicos e biológicos. É difícil identificar qual corrente teórica e que tipo de historiografia é praticada pelo historiador judeu. Daí ser importante a

leitura e diálogo com as duas obras anteriores do autor, que apresentam uma discussão teórica mais aprofundada e pesquisa de maior fôlego.

“21 lições para o século 21” traz um conjunto de reflexões cujo maior objetivo e mérito, acredito, é tentar oferecer *perspectivas* ao leitor. É assim que um tema que ganhou popularidade - entre nós especialmente com a disputa eleitoral de 2018 - o das *fake news* é colocado em perspectiva histórica e dessa forma não é explicado como produto da era da internet, da mídia, é muito anterior e se encontra mesmo ligado a características fundamentais desenvolvidas pela nossa espécie, como o gosto por narrativas e a tendência para criar e acreditar em ficções. A partir desse diagnóstico, seria “responsabilidade de todos nós investir tempo e esforço para expor nossos vieses e preconceitos, e para verificar nossas fontes de informação.” (HARARI, 2018, p.301)

É nesse entendimento, de vivermos num admirável novo mundo cada vez mais complexo e acelerado, que as duas últimas lições trazem uma reflexão mais relacionada à como enxergamos e lidamos com a nossa vida. A primeira coisa a entender, segundo alguém que se dedica a arte de pensar, escrever e estudar a história “é que você não é uma história.” (HARARI, 2018, p.369) Mais uma vez fica evidente o alinhamento com a economia comportamental. No livro “Rápido e Devagar: duas formas de pensar”, o psicólogo e economista Daniel Kahneman, mostra como tendemos a ver “a vida como uma narrativa” (KAHNEMAN, 2012, p.486). Harari utilizando da análise histórica de mitos religiosos, tradições nacionais, a experiência do fascismo e mesmo produções da Disney como o filme Rei Leão, tenta mostrar e desconstruir esse modo de concebermos a nossa existência. O mais interessante aqui, sobretudo, na era de Trumps, de Bolsonaros, de crescimento de discursos e ideologias que flertam flagrantemente com tradições autoritárias e extremistas, é a advertência que autor faz para percebermos que o problema do fascismo é seu aspecto sedutor. “Quando você olha o espelho fascista, o que você vê lá não é feio.” (HARARI, 2018, p.359)

É dada a importância e valor das constatações e advertências sobre o perigo do fascismo em nosso tempo apontadas, que a escolha da última das lições não é tão convincente. É compreensível que depois de empreender uma tarefa quase nietzschiana de desconstrução de narrativas, correntes teóricas e mesmo projetos políticos emancipacionistas como o socialismo e o comunismo - como faz ao

longo da lição 20 - escolha não apontar para o leitor alguma forma, proposta ou projeto similar como possibilidade de construção e enfrentamento da realidade. Todavia, optar por sugerir apenas o caminho do aprendizado e prática da meditação, ainda que calcada na sua própria experiência e em constatações científicas da eficácia e resultados da mesma, não é muito substancial, acredito, quando pesado os perigos e desafios a serem enfrentados. Sobretudo, quando pensamos a experiência histórica de enfrentamentos dessas ideologias. Soa como um “é um cada um por si”.

Que diriam historiadores também preocupados em tornar a história acessível para leitores não acadêmicos, como Marc Bloch que morreu lutando contra esse tipo de ameaça, ou, E.P. Thompson que foi combater na Itália na Segunda Guerra afirmando que deveríamos colocar nossos “próprios corpos entre o fascismo e a liberdade?” (PALMER, 1996, p.54) É de se esperar, algo mais substancial e propositivo, frente à constatação do crescimento de discursos e movimentos fascistas no mundo, do que a orientação de assumirmos uma postura de *resiliência*, como parece indicar o último capítulo. É bem verdade, que o autor aponta bem didaticamente como devemos ligar o sinal de alerta ao constatar perigosos vocabulários e discursos sendo assumidos por nações e governos. No entanto, se é na sabedoria de Clio que podemos buscar alguma orientação para enfrentar essa era de grandes incertezas - como dá a entender um livro que oferece mais de duas dezenas de lições -, esse alerta mais que um convite a uma espécie de introspecção e autoconhecimento, poderia apontar, quem sabe, para a construção de uma efetiva forma de resistência e colocar em perspectiva um outro horizonte, mais amplo e comum.

Claro que sua experiência e próprio relato de como essa e outras descobertas cumpriram um papel transformador na sua vida, obviamente são interessantes e consideráveis. É preciso reconhecer que, sobretudo, nesse atual contexto de crescimento de discursos racistas, xenófobos, homofóbicos, supremacistas, antisemitas, com perigosos ecos em espaços de poder, instituições e movimentos de massa, ter um autor com tamanha projeção que relate e afirme sua experiência como membro de uma comunidade judaica, como homossexual aberta e diretamente como faz nesse livro, é de absoluta relevância.

É uma obra que ao entregar uma narrativa acessível, instigante e atraente, que utiliza e atenta para produções da chamada cultura pop,

livros e filmes para discutir e apresentar conceitos, teorias e pesquisas acadêmicas - nem sempre tão palatáveis e disponíveis a uma audiência maior de leitores -, contribui significativamente para qualificação do debate e enfrentamento dessa onda de negação da ciência, da história e mesmo de um anti-intelectualismo crescente.

Por isso mesmo é uma leitura indicada não apenas para historiadores, pesquisadores das ciências humanas e leitores de modo geral, mas que deve ser amplamente trabalhada e apresentada aos estudantes da educação básica. Afinal, a grande lição do livro é que devemos buscar na sabedoria de Clio elementos para compreensão desse admirável mundo novo do século 21.

REFERÊNCIAS

FERRY, Luc. *Aprender a viver, filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

HARARI, Yuval Noah. *Homo deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

_____. *Sapiens, uma breve história da humanidade*. Porto Alegre, 20 ed., RS: L&PM, 2017.

PALMER, Bryan D. *E.P.Thompson objeções e oposições*. RJ: Paz e Terra, 1996.

KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

Recebido em 05/11/2019

Aprovado em 05/12/2019

